1
Situando a pesquisa

Peanuts, Schultz

> A sociologia deu o nome de “outros relevantes” às pessoas que eu levo em consideração ao agir. Esses outros são a “plateia” diante da qual eu represento o meu número de teatro, e cujo aplauso eu busco e cuja vaia eu temo. (Alves, R., 2011, p.32)

Miriam, Aracy, Flávio, Luciana, Alexandre, Maurício, uma simples lista de nomes que pode parecer irrelevante para o leitor, mas que traz consigo memórias de eventos marcantes em nossas vidas. Tão marcantes que hoje, mais de 30 anos depois, nos motivam a procurar uns pelos outros nas redes de relacionamento disponíveis na Internet e relembrar histórias. Encontra-se um no Orkut, outro no Facebook, e um vai puxando o outro numa corrente cheia de curiosidade em saber o que andam fazendo aquelas pessoas que faziam parte do seu grupo, aquele grupo da escola. O grupo que sentava no fundo da sala, que armava confusões, que frequentava as mesmas festinhas, que estudava junto para as provas, que colava nas provas de física, que namorava meio sem compromisso, que levava bronca junto na sala do diretor. O grupo tinha um “magnetismo” próprio que atraía, ou não, certas pessoas. Assim, uns

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912737/CA

ficavam, outros não. Mas havia sempre aquele grupo de pessoas, a turma, fazendo coisas junto.

Bem, embora esta introdução possa fazer parecer que este é um trabalho sobre memórias da minha adolescência, isso não é verdade. Entretanto, a minha própria experiência me faz pensar em como o grupo de amigos é importante na vida do adolescente, e como histórias contadas pelo grupo e sobre o grupo constroem e reforçam um sentido de pertencimento. Ainda hoje, quando nos comunicamos nas redes sociais, é para relembrar histórias do grupo que nos marcaram, e que, de certa forma, fazem parte de nossas "estórias de vida" (Linde, 1993).

Muito tem sido dito a respeito do adolescente e da importância do grupo na construção da sua identidade. Não é raro encontrar publicados em jornais (Zero Hora, 07/06/2010), em revistas (Capricho, 27/12/2007), na Internet (site IGjovem, 06/04/2010), artigos sobre diferentes "tribos" de jovens, e seu comportamento dentro desses grupos, assim como programas de TV ('Tempos de escola', do apresentador Serginho Groisman, no canal Futura) que enfocam a escola como espaço de socialização de adolescentes. Este é, também, um trabalho sobre adolescentes. Entretanto, procura contribuir para o preenchimento de uma lacuna que, segundo Androutsopoulos e Georgakopoulou (2003), existe nos estudos da "sociolingüística da juventude", uma vez que os estudos sobre a construção da identidade jovem não tem recebido a atenção necessária. Segundo as autoras, faltam esforços para melhor compreender a "sociolingüística da juventude", que normalmente serve de pano de fundo para estudos sobre linguagem e gênero, etnias ou estilos de vida, mas, cujas pesquisas se esquecem do fato de que os seus dados são gerados a partir de sujeitos de pesquisa que pertencem a uma faixa de idade específica, no caso, o jovem. A esse respeito, Carrano (2011) nos aponta que

> compreender os jovens apenas pelo fator idade, contudo, seria simplificar uma realidade complexa que envolve elementos relacionados ao simbólico, ao cultural e aos condicionantes econômicos e sociais que estruturam as sociedades (p.9).

Não pretendo aqui apresentar a identidade jovem sob uma perspectiva essencialista, como uma propriedade fixa, pré-existente do indivíduo, à espera de ser revelada. Ao contrário, alinho-me com uma perspectiva na qual as identidades

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912737/CA

emergem no discurso, particularmente nas interações, e são dinamicamente criadas e recriadas (Davies & Harré, 1990).

Embora a Psicologia Social, a Sociologia e a Antropologia contribuam para esta pesquisa com questões sobre a adolescência, sobre a formação de grupos e os processos de inclusão e exclusão, é a Sociolinguística Interacional que a ilumina de forma mais intensa, através do enfoque na fala em interação e da análise de narrativas. É nas interações, situações localizadas e cotidianas, juntamente com outras pessoas, que construímos o modo como pensamos a nós mesmos e aos outros. Portanto, o sentido que fazemos de nós mesmos e dos outros é mediado na fala e por meio dela. É também na interação, especialmente em forma narrativa, como no exemplo de minha experiência de relembrar histórias com meus colegas de grupo, que "delineamos quem somos" (Bamberg, 2002, p.149). Assim, considerando que narrativas na interação são locais onde fazemos sentido de quem somos, este trabalho pretende, a partir da análise de narrativas (Labov & Waletzky, 1967; Linde, 1983; Bamberg, 2002; Bamberg & Georgakopoulou, 2008) de adolescentes, buscar, num primeiro momento, entendimento sobre questões relacionadas à formação e à manutenção dos grupos na escola, e à forma como as identidades são negociadas, modificadas e construídas dentro desses grupos.

É necessário explicar que o interesse pela existência e pela formação de grupos se dá a partir de uma atividade pedagógica baseada em um filme assistido por uma turma de 1ª série de Ensino Médio e descrita em detalhes no capítulo 4, que inaugura uma discussão sobre uma série de questões tais como: o primeiro dia de aula na nova escola, a integração (ou não) do aluno novo, a segmentação do alunado em grupos de colegas, a forte segregação existente na escola norte-americana onde se passa o tal filme. Também é importante que se esclareça que, como mãe e professora, já havia observado a existência de grupos, mas nos momentos mais prematuros desta pesquisa, me interessava saber sobre grupos fixos e segregadores similares aos do filme americano. Após esta primeira atividade pedagógica, passo a construir e me referir a grupos como agrupamentos de amigos cuja estrutura tem um caráter fluido e dinâmico e que se relacionam entre si, formando tramas ou redes de relacionamentos. Meu enfoque está, portanto, no início deste trabalho, na dinâmica da formação de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912737/CA

grupos de adolescentes na escola, a partir da observação de como essa dinâmica se constrói discursivamente. Para tal, em linhas gerais, apresento algumas perguntas que norteiam, a princípio, este trabalho:

1) Existem grupos na escola? Esses grupos são bem definidos? Que grupos são esses?;

2) Se há grupos, bem delineados ou não, qual a dinâmica da formação dos mesmos?;

3) Que motivações levam os adolescentes a procurar, ou não, este ou aquele grupo?;

4) Qual a importância do grupo na vida do adolescente?

Como veremos mais adiante, a pesquisa evolui de tal forma, que surgirão outros questionamentos decorrentes dos acima mencionados. Na sequência da atividade pedagógica, com as questões acima como motivação para iniciar as entrevistas, conversarei com grupos de adolescentes alunos do Ensino Médio, cujos excertos de entrevistas veremos no capítulo 5, de análise de dados. O interesse na existência e na dinâmica da formação de grupos continua a existir, mas desenvolve-se e modifica-se a partir das entrevistas, que me instigam, mais e mais, a ir além dos questionamentos inaugurais. Esses servirão de base para alimentar as entrevistas, nas quais emergirão desdobramentos valiosos que serão, enfim, o foco maior desta pesquisa. Poderemos observar nas falas dos adolescentes o grupo como forte agente de socialização (Wilson, 2003) e a busca pelo grupo como parte do processo de adolescer. Ao longo do desenvolvimento do trabalho a cultura jovem se fará notar como uma cultura de pertencimento, à qual os adolescentes se integram ou são expelidos. Daí parte do título do trabalho, "Coé, chega aí!", frase que ouvi algumas vezes de adolescentes para chamar os colegas. Por tudo que ouvi das moças e rapazes entrevistados, parece-me que a frase sintetiza, no desejo de serem aceitos, o que gostariam de escutar de seus pares. Pensando nesses termos, a investigação passa a se interessar por questões relacionadas a processos de inclusão e exclusão tais como:

1) Quem são os "legais"(eles usam o termo "legais", não o termo "incluídos") e os "excluídos"? Que categorias ou rótulos são utilizados? Como essas categorias se constroem no discurso, em especial a segunda?;

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912737/CA

2) O que acontece com aqueles que porventura não se moldem à cultura jovem dominante? São excluídos e formam seus próprios grupos? Enquanto excluídos, tentam se aproximar daqueles que os excluem?

A partir dessas questões, lanço um olhar cuidadoso para elementos que me são muito familiares. Sou professora e trabalho com adolescentes há muitos anos. Na verdade, tenho trabalhado com alunos de todas as faixas etárias, da criança ao adulto, mas, pessoalmente, é o adolescente que sempre me oferece os desafios maiores. É a idade de descobertas, da impaciência com o mais velho, da crença em saber as verdades, de achar quase tudo desinteressante. Como mãe de adolescentes também experimento esses desafios e procuro ler, me informar, aprender, e compartilhar experiências com outras mães, com o objetivo de conhecer melhor essas criaturas nas quais se transformam aquelas crianças que ainda ontem nos acompanhavam a todos os lados. Atrai-me o desafio de conhecer melhor esses jovens com quem convivemos, pois acredito que quanto mais os conhecermos, melhor os compreenderemos, melhor poderemos orientá-los, e melhor será a convivência entre nós, professores, pais, profissionais da educação e nossos alunos e filhos.

Entretanto, para pesquisar, descrever e buscar compreensão sobre questões relativas à cultura jovem é preciso ir além da minha perspectiva de adulto, de mãe e professora, e explorar significados dentro da comunidade adolescente. Para tal, busco observar as ações humanas e sua interpretação a partir do ponto de vista das pessoas que praticam essas ações, assim como conhecer a sociedade a partir de contextos menores, preceitos que orientam a pesquisa de cunho etnográfico (Erickson, 1984; Denzin, 2006; Teis & Teis, 2006). Dirijo, então, o olhar para um contexto que me é tão familiar, o do adolescente no contexto da escola, e, baseada na investigação de uma comunidade pequena, desse contexto menor, a escola onde trabalho e onde estudam os adolescentes participantes, tentarei tecer algumas considerações que possam vir a ser relevantes e úteis para todos aqueles que convivem com adolescentes.

Para que seja possível chegar a tais considerações, este trabalho se desenvolverá da seguinte forma. No capítulo 2, busco, em princípio, apresentar o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912737/CA

conceito de "identidade" por diferentes autores (Bamberg, 2002; Bauman, 2005; Bucholtz & Hall, 2005; De Fina, 2006) e, brevemente, contrastar a concepção essencialista à abordagem sócio-discursiva, esta, adotada pela presente pesquisa. A visão sócio-discursiva de construção de identidades é dinâmica e entende essa formação como um processo que se desenvolve na interação. Ainda no mesmo capítulo, o jovem é posto em foco sob uma perspectiva sócio-cultural (Canevacci, 2005; Coutinho, 2009), assim como sob uma visão discursiva de viés socioconstrucionista (Moita Lopes, 2002; Androutsopoulos & Georgakopoulou, 2003). Falo da importância do grupo na formação identitária do jovem e na formação de grupos como processo dinâmico, enfatizando o movimento e o dinamismo das relações, nas quais as pessoas buscam inclusão e pertencimento, mas também passam por experiências de exclusão e isolamento. Antes de finalizar o capítulo 2, apresento ainda a escola como prática social e espaço para construção de identidades, assim como espaço para estudos etnográficos.

O capítulo 3 dedica-se a introduzir a narrativa como uma prática social na qual são co-construídas, tanto as identidades quanto a ordem social que nos cerca (Bastos, 2005). O contar histórias seria um dos mais importantes recursos sociais para criar, recriar e manter identidades. Neste capítulo são apresentadas as narrativas canônicas e a análise estrutural laboviana (Labov & Waletzky, 1967; Labov, 1972), narrativas como "estórias de vida" (Linde, 1993), e ainda "pequenas histórias" (Bamberg & Georgakopoulou, 2008; Bastos, 2008), histórias que fogem ao cânone narrativo. Por fim, ponho foco na abordagem de análise de posicionamentos (Bamberg, 1997; 2002), a qual enfatiza o engajamento ativo dos falantes no processo de construção da narrativa. Alio, ainda, esta abordagem à noção de narrativas como performances de identidade (Mishler, 1999; Bastos, 2005, Goffman, 1974, apud Bastos, 2008).

O capítulo a seguir, de número 4, trata do contexto e da metodologia de pesquisa escolhidos, e descreve o caminho que a pesquisa percorre e a forma como tem sido construída. São apresentados ali o contexto, os envolvidos, a geração dos dados, assim como a perspectiva metodológica. Os dados compreendem excertos selecionados de seis entrevistas dentre as dez realizadas entre 2009 e 2011, das quais

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912737/CA

participaram 25 adolescentes. Os excertos selecionados são analisados a partir de categorias de análise das narrativas e da teoria de posicionamentos, adotando uma perspectiva interpretativista. Destaco a relevância da pesquisa etnográfica (Winkin, 1998), que busca observar as ações humanas e sua interpretação a partir do ponto de vista das pessoas que praticam as ações, e que pretende conhecer a sociedade a partir de contextos menores.

No capítulo 5, encontra-se a análise dos dados. Busco responder às questões de pesquisa à medida que os segmentos selecionados vão sendo apresentados, sempre associando-os a conceitos da fundamentação teórica para a interpretação dos dados. Faço uma análise introdutória de um segmento da entrevista pós atividade inicial, objetivando ligar a fase inicial da pesquisa, ainda sobre a existência de grupos na escola, ao fato de haver uma dinâmica nas relações entre esses agrupamentos. A seguir, a análise propriamente dita, subdividida em quatro blocos.

Finalmente, no capítulo 6, apresento algumas considerações, que, longe de serem conclusivas, pretendem trazer para o leitor uma reflexão sobre questões ligadas à adolescência, em especial os processos de inclusão e exclusão.

Passo, então, ao segundo capítulo, o qual trata da construção sócio-discursiva das identidades na escola.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912737/CA